

Atravessagem

Reflexos e reflexões na memória de repórter



C R E M I L D A M E D I N A

ATRAVESSAGEM

Reflexos e reflexões na memória de repórter

Copyright © 2014 by Cremilda Medina

Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**
Editora assistente: **Salete Del Guerra**
Imagem de capa: **Daniel Araújo Medina**
Projeto gráfico e diagramação: **Crayon Editorial**
Impressão: **Sumago Gráfica Editorial**

Summus Editorial

Departamento editorial
Rua Itapicuru, 613 – 7º andar
05006-000 – São Paulo – SP
Fone: (11) 3872-3322
Fax: (11) 3872-7476
<http://www.summus.com.br>
e-mail: summus@summus.com.br

Atendimento ao consumidor
Summus Editorial
Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado
Fone: (11) 3873-8638
Fax: (11) 3872-7476
e-mail: vendas@summus.com.br

Impresso no Brasil

Sumário

Prefácio – Travessia para o futuro	9
Sinval Medina	
Anotações à margem da autora	15
Reflexos I: A vida na reportagem	21
A história dos meninos ladrões de Bogotá (1972)	23
Gamines, do encanto ao sicariato (2013).	33
Raúl Osorio Vargas	
Reflexões I: Poética da interpretação	37
Reflexos II: Contextos sociais, complexidade e dialogia	51
A conquista de melhor qualidade de vida (1985)	55
Memória do mutirão (2013).	63
Pedro Ortiz	
Elis, fôlego e resistência num país chamado Brasil (1981)	65
A morte no espelho (1985)	69
Reflexões II: Metáforas da rua	75
Reflexos III: Jogo de contradições	96
Quem tem medo dos prazeres virtuais? (1998)	98
Reflexões III: Memória da travessia	114
Novas manifestações, velhos paradigmas (2013).	120

Reflexos IV: O gesto da arte	133
A magia do reencontro, a força perene de Oswaldo Guayasamín (2008) .	135
Não só o Equador vive o tempo de Guayasamín (1977)	137
Diário de Moscou (1983)	149
Visita a tio Herculano (1977)	171
Reflexões IV: Palavras de afeto	175

Posfácio – Chiquita bacana “só faz o que manda seu coração”	179
Dimas A. Künsch	

Prefácio

Travessia para o futuro

SINVAL MEDINA¹

PASSADOS MAIS DE 50 ANOS de peregrinação afetiva e intelectual pelas ásperas veredas do cotidiano, Cremilda continua a me surpreender com sua inesgotável energia criativa. Pouco mais de um ano depois da publicação de *Casas da viagem – De bem com a vida ou no mundo dos afetos*, que ela definiu como um livro de memórias, deixando no ar uma pergunta: seria um “adeus às armas”?, ei-la de volta, mais guerreira do que nunca, com este instigante *Atravessagem – Reflexos e reflexões na memória de repórter*.

Se em *Casas da viagem* Cremilda se voltava para o passado com um olhar recorrente, mas não saudosista, agora, sem pretensões proféticas, ela assume uma postura claramente prospectiva.

Dizer que o livro, ao entremear textos autorais com reflexão crítica, realiza a tão apregoada e pouco praticada junção da teoria com a prática seria chover no molhado. Para Cremilda, o trabalho de campo como repórter e a investigação científica como professora e pesquisadora sempre foram a cara e a coroa da mes-

1. Sinval Medina, jornalista e romancista, tem se dedicado também ao ensaio e a livros em prosa e em poesia para crianças. Entre seus romances, *Tratado da altura das estrelas* conquistou, em 1999, o primeiro prêmio da Bienal de Literatura de Passo Fundo; dos mais recentes, *O cavaleiro da terra de ninguém* saiu em 2012 pela editora Prumo e, em 2013, seu primeiro e-book, *O corcunda de Bizâncio*, foi disponibilizado na internet pela editora Descaminhos. Dos infantojuvenis, publicou pela Companhia das Letrinhas *João e o bicho papão* (2012), em parceria com a artista plástica Renata Bueno. *A batalha de Porto Alegre, 3 de outubro de 1930*, em segunda edição (a primeira foi lançada em 2010), figura entre seus livros de não ficção, justamente no lastro do título que inaugurou sua carreira de escritor, *Dicionário de história da enciclopédia do ensino secundário*, publicado pela antiga editora Globo em 1969.

ma moeda. Por mais de cinco décadas de atuação profissional, ela vivenciou ao mesmo tempo o tumulto das redações e os embates da academia. *Atravessagem* é o resultado dessa experiência única e reveladora.

Cremilda e eu fomos colegas no curso de Jornalismo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), onde nos conhecemos em dezembro de 1960. Desde então, muito temos discutido sobre o alcance da razão e o poder da emoção na vida individual e social. Naquele tempo, ainda que não demarcassem campos excludentes, existencialismo e materialismo dialético fascinavam os jovens estudantes. Eu me deixara fascinar por um marxismo de algibeira, aprendido nas cartilhas da Academia de Ciências da União Soviética. Cremilda, aluna do último ano da Aliança Francesa de Porto Alegre, flertava com Merleau-Ponty, Albert Camus e Jean-Paul Sartre.

Nos tempos de chumbo que se sucederam ao golpe militar de 1964 – ano em que nos casamos –, a militância contra a ditadura aplainou as divergências filosóficas. Num primeiro momento, era preciso sobreviver sem se render. Migramos para São Paulo em 1971. Fomos contratados como auxiliares de ensino na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP). Ingressamos no primeiro curso de pós-graduação em Comunicação Social criado na América Latina. A ditadura, a pretexto de combater os grupos armados que a confrontavam, tentava sufocar por meio de ameaças, perseguições e cassações as vozes discordantes. Acossados pelo ultimato calhorda do “ame-o ou deixe-o”, muitos companheiros partiam para o exílio voluntário. Cremilda e eu chegamos a pensar na alternativa. Acabamos optando por ficar. Havia brechas, ainda que estreitas e arriscadas, para a resistência pacífica. A ditadura não duraria para sempre.

Nessa época, o debate entre os estudiosos da comunicação social se bifurcava em duas grandes linhas: de um lado, os que buscavam respostas pela via do estruturalismo, dissecando o discurso, a mensagem, o texto, e desconsiderando a teia de relações sociais e interindividuais em que se produz o ato comunicacional. Eram os adeptos da semiologia, ciência que tivera origem na linguística de Saussure e se desenvolvera extraordinariamente na segunda metade do século 20. De outro, os críticos da chamada cultura de massas, ancorados na sociologia, viam a grande mídia como um instrumento de manipulação de consciências a serviço das relações de produção capitalistas.

Tal embate ganhava cores ideológicas, na medida em que os semiólogos, ao se refugiarem em estudos que assumiam ares de ciência exata, eram acusados de se encastelar em torres de marfim para fugir à luta contra a ditadura. Já os adeptos da crítica social ao sistema midiático empresarial – especialmente à televisão e à publicidade – esgrimiam suas teses como armas de luta contra o regime. Tratava-se de um confronto entre o Bem e o Mal, este último representado por vilões como o cinema norte-americano, a Rede Globo e os jornalões conservadores.

Nesse cenário, Cremilda defende na ECA/USP, em 1975, a dissertação *A estrutura da mensagem jornalística*, tornando-se a primeira pesquisadora no continente a obter o título de mestre em Ciências da Comunicação por uma universidade latino-americana. Além do pioneirismo, o trabalho representa uma ruptura com a dicotomia que emperrava os estudos da área, propondo uma visão ao mesmo tempo estrutural e sociológica da notícia jornalística. O mestrado de Cremilda se transformaria no livro *Notícia, um produto à venda*, um clássico até hoje adotado nos cursos de Comunicação Social do país.

Pelo título, o livro foi de imediato associado à teoria de manipulação das consciências. A notícia jornalística não passaria de um “produto” vendido, assim como a pasta de dente ou o sabão em pó no mercado. Mas não se tratava disso. Na verdade, Cremilda rompia com o “paradigma dos efeitos” nos estudos de comunicação social, ao mostrar a multiplicidade e complexidade de forças presentes na produção, distribuição e recepção da notícia, analisando a mensagem jornalística tanto do ponto de vista histórico e sociológico quanto do de sua estrutura narrativa.

Na década de 1970, Cremilda já tivera contato com o pensamento de Thomas Khun, expresso em *A estrutura das revoluções científicas*, que consagraria a noção de “paradigma”. *Notícia, um produto à venda* representa a superação do “teto de ideias” que até então aprisionava os teóricos do jornalismo e da comunicação social. Abria-se caminho para o surgimento de novas indagações, novos questionamentos, novas dúvidas. E é a insatisfação com o conhecimento estabelecido, mais do que a reiteração de respostas, que leva os velhos paradigmas ao esgotamento.

As inquietações de Cremilda a levariam a se aproximar de colegas de outros campos do conhecimento, na própria USP. Como repórter, no papel de mediadora social, ela se mantinha em permanente diálogo com cientistas das mais diversas

áreas. Desses contatos, surgiria, em 1990, o Projeto Plural, um foro interdisciplinar de discussão sobre os rumos da ciência e da sociedade contemporânea.

O grande legado desses encontros, dos quais participaram físicos, médicos, economistas, psicólogos, poetas, ficcionistas, juristas, historiadores, matemáticos, filósofos, teólogos, enfim, representantes das mais diversas correntes de pensamento, foi a constatação de que todos viviam momentos de profunda incerteza. As ferramentas conceituais de que dispunham pareciam obsoletas ou inadequadas para explicar certos fenômenos.

Em outras palavras, o universo apolíneo das ciências exatas (ironicamente chamadas pelos cétricos de “duras e desumanas”) era contestado pelas forças dionisíacas da vida vivida. O desconforto atingia também os praticantes das disciplinas ditas humanísticas. Nesse contexto, um crescente número de especialistas de todos os campos do saber passava a admitir que a razão, ainda que poderosa, não pode tudo. O saber científico acumulado a partir do Renascimento, cujos pilares são o pensamento de Copérnico, Galileu, Newton e Descartes, esbarrava nas rugosidades do real. O pensamento mítico-religioso, cuja morte fora anunciada por Augusto Comte, crescia com força redobrada. As utopias do “homem novo” e do “igualitarismo”, alimentadas por ideologias de direita e de esquerda que se proclamavam “racionais”, haviam produzido fenômenos sociais teratológicos como o nazifascismo e o estalinismo. Os avanços científicos permitiam o transplante de órgãos, mas também haviam criado a possibilidade da destruição do mundo pelas armas nucleares. Nunca houvera tantos famintos nem tantos obesos sobre a face da Terra.

É em meio a essa crise do pensamento científico contemporâneo – a tão alardeada “crise de paradigmas” – que surge o Projeto Plural, coordenado por Cremilda Medina na USP. A essa altura, sem nunca se afastar do exercício do jornalismo (sem deixar de ser repórter, como prefere), ela já havia percorrido todos os degraus da carreira acadêmica. Como professora titular da ECA/USP, promove seminários com cientistas de todas as áreas, num trabalho que resulta na publicação de 15 livros e 52 coletâneas.

No decorrer desses encontros, Cremilda percebe que a crise não é um fenômeno restrito às altas esferas do conhecimento, como anunciou Thomas Khun em seu livro seminal. O modo como o homem comum vê o mundo é fortemente influenciado pelos grandes pensadores pós-renascentistas. Conceitos como *evolu-*

ção, progresso, causa e efeito, ordem e caos, previsibilidade e tantos outros que pautam o comportamento cotidiano das pessoas não são dados de realidade, mas construções simbólicas (historicamente datadas) que permitem interagir socialmente e atuar sobre o real.

Desde a publicação de *A arte de tecer o presente*, seu primeiro livro, datado de 1972, Cremilda Medina questiona o jornalismo baseado nos dogmas positivistas do século 19. Ela jamais aceitou a fórmula da notícia esquemática, enganadoramente racional, consagrada pelos manuais norte-americanos clássicos. O lide sumário, a pirâmide invertida, a entrevista em forma de pergunta e resposta, técnicas ainda hoje ensinadas aos estudantes de Comunicação Social, arrancam da narrativa jornalística o que ela tem de mais vital – a emoção.

Como bem o demonstra a autora, jornalistas e cientistas navegam no mesmo barco. A crise do paradigma positivista coloca-os diante de um angustiante desafio: como conciliar a inestimável herança do Iluminismo com formas não racionais de convivência com a realidade? Como convidar Apolo e Dionísio para a mesma celebração? Em que termos estabelecer uma convivência frutífera entre as luzes da razão e a impenetrabilidade do mistério?

Essas perguntas têm sido a estrela guia da obra de Cremilda Medina. Uma pergunta que ela apregoa como a boa nova da Era de Incertezas em que estamos todos mergulhados.



Anotações à margem da autora

Atravessagem POR QUÊ? Porque este livro atravessa duas vertentes: o exercício profissional e a reflexão acadêmica. Tenho conjugado teoria e prática em meus mais recentes títulos sobre o jornalismo e a comunicação social – *A arte de tecer o presente – Narrativa e cotidiano* (2003); *O signo da relação – Comunicação e pedagogia dos afetos* (2006); *Ciência e jornalismo – Da herança positivista ao diálogo dos afetos* (2008). Selecionei para cada um deles uma reportagem de minha autoria para que o leitor pudesse avaliar até que ponto pratico a proposta defendida na esfera conceitual. E levei às últimas consequências a gênese e o desenvolvimento do pensar-agir em *Casas da viagem – De bem com a vida ou no mundo dos afetos* (2012), no qual relembro minha trajetória pessoal. Aí se torna explícito o casamento indissolúvel entre teoria proveniente da pesquisa e prática desenvolvida no jornalismo.

Agora decidi eleger uma antologia cronológica de reportagens – *Reflexos* de períodos de trabalho na grande imprensa em São Paulo –, articulada com ensaios, cujas *Reflexões* decorrem dos estudos universitários. Devo confessar a escolha primordial que me acompanha em todas as etapas a partir dos primeiros anos da década de 1960. Entrei na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul por duas vias – Jornalismo e Letras Clássicas. A formatura em Jornalismo, no dia 31 de março de 1964, marcou definitivamente a caminhada da resistência na luta pela redemocratização do país. A formatura em Letras, em dezembro de 1964, consagrou o gosto pela literatura e a formação pedagógica que as disciplinas de didática geral e aplicada motivaram quando fui chamada à mesma universidade para iniciar outro percurso, o de educadora. O cruzamento da pesquisa sobre a linguagem dialógica na relação professor-aluno com a pesquisa sobre o diálogo social no jornalismo promoveram, a partir daí, a interação entre a reflexão teórica e os reflexos pragmáticos.

Eis o motivo por que me propus intercalar nesta *Atravessagem* os *Reflexos* do exercício profissional e as *Reflexões* da pesquisa sobre a linguagem dialógica.

Mesmo quando fui mobilizada por cargos de redatora nos meios de comunicação ou de educadora no ensino universitário, de editora na grande imprensa ou de dirigente do complexo de mídias na Universidade de São Paulo (CCS-USP), sempre preservei o lugar eleito aos 18 anos. Lugar esse que se situa na rua, no movimento em direção ao Outro, na busca democrática do *Diálogo possível*, na observação desarmada do que se passa à volta, na percepção curiosa perante outras culturas para ensaiar compreender as diferenças. Tanto na teoria como na prática, tenho sido vigilante com a racionalidade analítica, elegendo como ponto de partida os sinais sensíveis do contato vivo com a realidade. Em outros termos, *ser repórter* consciente dos limites técnicos, atenta aos riscos éticos e assumindo a estética autoral nas mediações sociais. Espero que, de certa forma, as reportagens aqui transcritas, bem como os ensaios teóricos, espelhem a travessia de cinco décadas.

Em maio de 2013, ao falar para um grande auditório em Rio Verde, Goiás, na conferência de abertura de um encontro do Centro-Oeste da Intercom, cujo tema me atraiu sobremaneira, “Comunicação em tempo de redes sociais, afetos, emoções, subjetividades”, fiquei eu própria emocionada quando, no debate com participantes – professores e jovens estudantes de graduação –, senti quanto repercutiu uma anotação teórica exemplificada por determinada situação vivida no jornalismo.

A experiência acadêmica vem confirmando, ao longo do tempo, o interesse pela proposta. O texto que foi extraído da minha tese de doutorado, *Modo de ser, Mo’dizer*, defendida na Universidade de São Paulo em 1986, publicado pela editora Ática no mesmo ano e até hoje presente nas escolas de Comunicação, tem alcance nos debates nacionais. No entanto, *Entrevista – O diálogo possível*, um texto exclusivamente de reflexão, vem acompanhado de um conjunto de reportagens que flagravam o contexto social, as histórias de vida dos protagonistas, as raízes culturais e os diagnósticos/prognósticos das fontes especializadas de um estudo de caso: a expansão urbana do bairro de Higienópolis em São Paulo, do século 19 ao 20. Essa grande reportagem ficou inédita; dela selecionei apenas um texto para um dos livros mais recentes, *Ciência e jornalismo – Da herança positivista ao diálogo dos afetos* (2008).

No exame da banca de doutorado percebi também quanto acadêmicos mais sensíveis se interessam pelo toque humanizado das narrativas da contemporaneidade, pois as reportagens de Higienópolis mobilizaram a interlocução universitária-

ria, deixando em segundo plano a reflexão sobre a entrevista. Do título de doutora ao de livre-docente (1989) e à titularidade (1993) na USP, os textos de histórias humanas, *Reflexos da reportagem*, persistiram atraindo a leitura dos examinadores, de tal forma que a ensaística da *Reflexão acadêmica* realmente ocupou o plano de fundo. Diria, de outra forma, que *a cena viva* se reflete no *mundo das ideias*. Ou, no sentido inverso, a reflexão conceitual apura a captação do acontecer contemporâneo na reportagem.

Episódios como o recente debate em Goiás ou em outros ambientes das ciências da comunicação inspiraram a presente proposta. Trata-se, pois, de recuperar um processo de quatro décadas em São Paulo. Afinal, foi no planalto paulista que a vocação de repórter amadureceu definitivamente. Embora a tenha praticado tão logo entrei na faculdade, em 1961, na imprensa estudantil gaúcha, depois, na extinta *Revista do Globo* (1929-1967) de Porto Alegre, deixei de lado os primeiros passos e preferi escolher aqui *Reflexos e Reflexões* dos anos 1970 em diante. Justamente a partir daí assumi a pesquisa, alicerce da cultura uspiana, em comunhão com crescentes oportunidades jornalísticas no mercado externo à universidade.

Talvez se a resistência cultural (iniciada na noite da formatura em Jornalismo) não integrasse de forma tão persistente a prática à teoria, os primeiros anos da década de 1970 provocariam um peso maior da reflexão teórica. No entanto, foi justamente a defesa cotidiana da responsabilidade social do jornalista na formação dos jovens estudantes de graduação – na época, tema desenvolvido em meu primeiro livro, *A arte de tecer o presente* (1973) – que provocou a ira da repressão da ditadura militar. O projeto acadêmico na USP e na América Latina se interrompeu em 1975 e aí se sucederam dez anos de intensa atividade no jornal *O Estado de S. Paulo*.

Desse período, poucos dos inúmeros casos de reportagem foram selecionados. De copidesque a editora e a repórter especial, o exercício profissional, calçado pela intensa pesquisa como professora de Jornalismo do final dos anos 1960 até 1975 nas universidades do Rio Grande do Sul e de São Paulo, não me deixou acomodada na atitude burocrática, nem na academia nem nas empresas de comunicação. A sina de repórter estava traçada.

Com a abertura política, outro ciclo acadêmico se inicia em 1986, dessa vez integralmente dedicado à USP. Ocorreria novamente a tentação da entrega à teoria, fruto da maturidade reflexiva, da ampla coleta bibliográfica de autores nacio-

nais e internacionais, de estudos de caso e da pesquisa empírica desenvolvida em várias latitudes, com prioridade para a América Latina. Mas a velha recusa à dicotomia teoria-prática aflorou nas situações que se sucederam novamente na USP e na circulação em outras universidades do país e do exterior. Desse período, que se alarga até hoje, colhi alguns *Reflexos ensaísticos*.

Ao mesmo tempo, ao dirigir os meios de comunicação social da USP de 1999 a 2006, a ação prática exigia a aplicação da teoria, o que resultou no projeto *O signo da relação*, ênfase da narrativa dos profissionais da então Coordenadoria de Comunicação Social. O projeto, transcrito em livro e em relatórios, dá conta do elo democrático ciência-sociedade, bem como de seu inverso, sociedade-ciência. A cobertura jornalística de agência de notícias, *USP online*, jornal, revistas, rádio e televisão saiu do vetor unidirecional da divulgação da ciência para criar um ambiente comunicacional, o *signo da relação*. Houve, nessa experiência de nove anos, uma interação contínua do projeto operacional nas mídias da USP com a pesquisa que se processa no ensino de graduação e de pós-graduação, nomeada *Diálogo social*. Aplicável, diga-se de passagem, a qualquer esfera de cobertura na comunicação social.

Quanto à graduação especificamente, outro histórico comparece à memória de repórter. De 1986 à primeira década do século 21, um projeto de livro-reportagem desenvolvido por estudantes de Jornalismo e de outros cursos de graduação também aplica os subsídios teóricos do *Diálogo social*. Exponho neste volume a experiência que criei em 1987 na Escola de Comunicações e Artes da USP e que serviu de laboratório para *O signo da relação*. Os 27 títulos da coleção de livros-reportagem *São Paulo de Perfil*, cuja reflexão sobre esse projeto consta do ensaio *Metáforas da rua*, talvez seja um dos pontos culminantes da união indissolúvel entre a teoria e a prática do jornalismo.

Os acontecimentos nacionais de rua em junho de 2013 põem em evidência a força coletiva, a comunicação anônima, o signo da relação que sempre me chamaram à reportagem – no meu entender, a grande *narrativa da contemporaneidade*. Manifestantes jovens expressaram o novo grito de autonomia e afirmação da voz que ecoou profundamente na minha consciência: *Saímos do Facebook e viemos para a rua*. Afinal, na inesperada mobilização da cidadania brasileira, se reencontrou o espaço por excelência do contato corpo a corpo para o laço solidário das

múltiplas demandas sociais em que o indivíduo se espelha. Na mesma época, os repórteres também saíram do lugar de conforto, nas redações, servindo-se da internet, para se juntar às multidões e se expor aos riscos da violência incontrolável, inclusive dirigida aos jornalistas. Afinal, lugar de repórter é na rua, onde vida e morte estão latentes.

De qualquer forma, na *memória de repórter* se expõe uma *Atravessagem* ainda inconclusa, tanto na história pessoal quanto na história de futuras gerações que não abdicuem da observação da cena viva e da escuta do Outro nas narrativas da contemporaneidade.



P.S. – *Eu já havia acabado a primeira versão deste livro quando fui contemplada com um texto inesperado. O pesquisador Dimas A. Künsch, atual coordenador da pós-graduação da Faculdade Cásper Líbero de São Paulo, espaço em que surgiu o primeiro curso de Jornalismo no Brasil (1949), apresentou, em um seminário da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) dedicado às contribuições de autores nacionais para as ciências da comunicação, uma avaliação do livro cuja primeira edição saiu nos anos 1970 e hoje continua ativo, Notícia, um produto à venda, jornalismo na sociedade industrial. Com a autorização do ensaísta, integrei esse texto ao corpo desta Atravessagem, na forma de posfácio.*

Surpreendente também foi o gesto afetivo no final da edição: além do poema-epígrafe que escolhi, Sinval Medina escreveu um prefácio: o elo entre razão e emoção se cumpriu.

Permanece latente, porém, a ação dos possíveis leitores que darão vida completa ao desejado signo da relação.

Reflexos I: A vida na reportagem

A viagem à América Hispânica em 1972 abriu os poros à experiência e motivou a reflexão sobre o universo da latino-americanidade, aí incluído o Brasil. Já me foi dada a oportunidade de deixar registrado o encantamento da descoberta quando, em 2009, se comemorou em Marília, São Paulo, os 50 anos do Centro Internacional de Estudios Superiores de Comunicación para América Latina (Ciespal), com sede no Equador. Ao depoimento publicado nos anais do encontro que celebrou a travessia do jornalismo à comunicação em estudos mediáticos dei o título “Do difusionismo à dialogia democrática”.

Em três meses de especialização em Quito, hoje monumento do patrimônio histórico mundial, mergulhei na condição social visível na capital e no interior andino, assim como no litoral para mim inusitado das águas do Pacífico. Os cursos oferecidos aos bolsistas latino-americanos, no caso jornalistas e professores (eu exercia a dupla profissionalização já radicada em São Paulo), exibiam discursos doutrinadores do Norte para o Sul, típico difusionismo na visão de mundo e nas técnicas profissionais. A vivacidade dos alunos (comunicadores latino-americanos), no entanto, propunha contrapontos provenientes da ação e do pensamento locais. Alguns prosseguiriam, nos árduos anos de ditaduras, a afirmação das vozes do “Hemisfério Sol” (metáfora de Sinval Medina para as terras do Sul). Muitos dos ciespalinos da década de 1970 se tornaram autores de teorias do jornalismo e da comunicação que implantam um signo de relação com o Norte (ou “Hemisfério Noite”), afastando o *complexo de vira-lata*.

Mas a experiência de contato vivo não se restringiu ao Equador. Passei um mês na Colômbia, a ver se percebia o que se ensinava sobre a disciplina em voga,